

MULHERES, MUSAS E MEDUSAS

Leila Rose Márie Batista da Silveira Maciel (CTU/UFJF)
(HELENA, Lúcia. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói: EDUFF, 2000. (Ensaios, 6))

O livro de ensaio intitulado **Nem musa, nem medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector, de Lucia Helena (2006) – Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) – busca fazer uma análise de textos literários de Clarice Lispector, à luz de teóricos renomados e críticos literários, tais como Walter Benjamin, Pessanha, Nunes, Barthes, Nietzsche, Llansol, Lima, entre outros.

O título do texto faz referência às protagonistas das obras de Clarice: quando aparecem como santas, virgens e puras, como mães, procriadoras e esposas, são vistas como musas, inspiradoras, sendo, comumente, inatingíveis e mortas, como as mulheres dos textos românticos; contudo, quando são traidoras, prostitutas, pecadoras, ou ciganas oblíquas e dissimuladas, como as mulheres dos textos realistas, são vistas como medusas, de acordo com a autora do ensaio.

Lucia Helena, ao realizar os estudos nas obras de Clarice, faz uma leitura voltada para questões filosóficas presentes nas narrativas, dando ênfase ao gênero e, ao mesmo tempo, situa-as na confluência dos seguintes estilos de época: Realismo e Naturalismo; Romantismo e Simbolismo. A construção dos textos é investigada com base nas seguintes questões: a do sujeito, a da escrita e a da história, e as obras focalizadas são as seguintes: **Laços de família**, **Água viva** e **A hora da estrela**.

Como estudiosa de Walter Benjamin, Lucia Helena focaliza a alegoria e a história como ruína – teorias presentes na obra do pensador – nos textos clariceanos. A alegoria é vista como um ato de linguagem e busca ler o particular a partir de uma imagem que aparece no texto, estabelecendo a ligação entre a idéia e o fenômeno. Assim, o ponto comum entre o pensamento de Benjamin e a proposta estética de Clarice é o modo como a autora – denominada “fiandeira” por Lucia – questiona noções herdadas de *gender* (conceito de gênero, remetendo a masculino e feminino numa relação cultural e social), sujeito, escrita e história – tudo isso é colocado nas narrativas de modo rico e sutil. Tanto Clarice quanto Benjamin utilizam-se do grande poder da linguagem como fonte de comunicação para fugirem do habitual, a fim de se moverem além das hierarquias da oposição

binária e, ainda, com o intuito de questionarem alternativas à representação artística e à leitura da arte como representação.

A autora chama atenção para a leitura do tema da emergência do feminino nos textos clariceanos. Os protagonistas das narrativas de Clarice são, na maioria, mulheres. As personagens – masculinas e femininas – vivem numa sociedade de bases patriarcais, em estado de aprisionamento – dentro de suas próprias casas com os pais ou os maridos –, rebelião e nomadismo.

Em **Laços de família**, o leitor pode analisar a situação de mulheres envolvidas em grandes paixões, contudo, sempre assustadas e oprimidas em razão do patriarcalismo. Clarice apresenta um mundo sem possibilidades de libertação para essas personagens. As personagens femininas estão sempre presas em um espaço de “ruminação” interior, remoendo uma vida vazia, confinadas dentro de suas casas ou num quarto. E, mesmo que haja o confronto – através da janela ou em outras frestas da casa – haverá sempre um encontro, um confronto e um desencontro sem final feliz. Isso ocorre porque, de acordo com o patriarcalismo, o espaço interno da casa é reservado à mulher e o espaço público, ao homem.

Ocorre uma luta constante entre homens e mulheres, em razão da falta de sintonia entre consciência e sentido, entre seus projetos e o mundo. A obra em estudo leva o leitor a um projeto de tendência mais realista. Clarice não abre às personagens um caminho, para que haja o encontro com a própria identidade ou a libertação. No conto “A imitação da rosa”, a personagem Laura não consegue trazer à consciência um **eu** mais pleno, integrado e feliz, então, vive entre esse **eu** e seu papel de esposa, buscando preencher o vazio de si mesma como mulher de Armando. Desse modo, Laura não é ela mesma, ela é uma outra pessoa (3ª pessoa), modesta, doméstica e obscura, portando sempre um vestido marrom de gola de renda. Essa é a verdadeira condição a que foi reduzida sua verdade existencial.

Em **A hora da estrela**, há um equilíbrio entre a *mímeses da representação* e a produção literária, porquanto a história apresenta começo, meio e fim. O processo de construção do texto tem como base a ironia, a antítese e a repetição.

Clarice levanta questionamentos sobre seu ato de escrever e tenta buscar respostas por meio de duas formas, duas forças (transgressão e tradição) e duas figuras de razão, presentes no conflito da pauta narrativa. A subjetividade é uma característica marcante na obra, podendo-se pensar numa ligação entre a biografia de Clarice – criada em Alagoas e Recife – com a biografia das duas

personagens nordestinas.

Em **Água viva**, Lúcia Helena mostra ao leitor uma constante nos textos de Clarice: o lugar do instante, ou seja, o lugar do presente, do cruzamento da história, da petrificação e ao mesmo tempo da mudança – o lugar da alteridade e do silêncio, o lugar da metáfora e não do conceito em que a literatura transgressora se realiza. No texto, há um **eu** declinado no feminino que escreve a um **tu**, no masculino, expondo suas ansiedades e procuras, num discurso de fluidez ininterrupta entre o delírio, a confissão e a sedução. Há uma ruptura no que se refere à predição e à linearidade do texto tradicional, desestruturando a usual seqüência sintática da língua portuguesa – sujeito, verbo, predicado –, a lógica da causalidade linear – começo, meio e fim –, além da lógica baseada nas ações quando o leitor, no intuito de implantar o processo de significação, desloca-se do papel passivo de objeto para o de lugar ativo do sujeito. A ensaísta também lança mão da teoria da cena fulgor de Maria Gabriela Lhansol – formada de colisões, cortes, relances que reúnem temas, sentimentos, pensamentos, palavras, dados históricos ou não. Na *cena fulgor*, encena-se a dramaturgia da linguagem e da subjetividade. A obra narra a vinda de algo, mas não se sabe com precisão se é vida ou desejo, que se estende, sem parar, por meio da palavra. O leitor fica um pouco perdido quando procura decifrar a trama da narrativa que, conforme Lucia Helena, concentra seu movimento em três grandes núcleos de questionamento que problematizam: a *verdade*, a *origem* e a *fatalidade* daquela vida que nasce.

Pode-se afirmar que a leitura do livro de Lucia Helena possibilita ao leitor um vasto conhecimento da obra de Clarice Lispector. A ensaísta busca apresentar uma análise profunda e bem engendrada das obras **Laços de família**, **A hora da estrela** e **Água viva**, mostrando grande sensibilidade e segurança com relação à obra de Clarice e às teorias literárias de autores renomados.